

LÍNGUA DE SINAIS FAMILIAR: UM INVENTÁRIO DO LÉXICO DE RENATA E ELIEZER

FAMILY SIGN LANGUAGE: AN INVENTORY OF RENATA AND ELIEZER'S LEXICON

 <https://doi.org/10.63330/sasciencsv6n2-131>

Submetido em: 12/08/2026 e Publicado em: 19/08/2026

SAS: e26357

Emmanuelle Félix dos Santos

Doutora em Linguística (UESB)

Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

E-mail: emmanuellefelix@ufrb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6272201236369733>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7274-7822>

Ingrid Caroline Santos Silva

Graduanda em Letras (UFRB)

E-mail: carolpongue@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6233697045098345>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0109-766X>

Resumo

O presente estudo busca inventariar os sinais utilizados na comunicação de dois surdos e seus respectivos familiares ouvintes no ambiente familiar. Entende-se, nesse estudo, que esses sinais denominados de sinais familiares (Santos, 2023), compõem o léxico que possibilita a comunicação gestual emergente entre pessoas surdas e seus familiares ouvintes, constituindo, portanto, o conjunto de vocábulos empregados por uma comunidade de fala, o qual distingue as línguas (Ferraz; Silva Filho, 2016). Desse modo, tem-se, nesse léxico, a representação da língua de sinais dessa família. Como *corpus*, utilizamos os dados de dois irmãos surdos, referidos como Renata e Eliezer, acessados na tese de Santos (2023), que aborda a produção sintática de pessoas surdas sem *input* de uma língua de sinais socializada. Os dados coletados permitiram identificar 106 sinais, os quais foram organizados de acordo com as configurações de mão descritas por Lessa-de-Oliveira (2023), presentes no *corpus*. Constatou-se a partir dos dados inventariados e registrados que esses sinais são signos linguísticos (Saussure, 2006) com estrutura fonológica análoga às línguas de sinais e, destarte, possuem informações conceituais e gestuais relacionadas às experiências e interações sociais inicialmente convencionadas naquele ambiente, tornando-se um patrimônio cultural imaterial de Renata e Eliezer e seus familiares ouvintes.

Palavras-chave: Léxico; Registro; Sinais familiares; Surdos.



Abstract

This study aims to inventory the signs used in the communication between two deaf siblings and their hearing family members within the family environment. The research is based on the concept of family signs (Santos, 2023), understood as the lexical repertoire that enables emergent gestural communication between deaf individuals and their hearing relatives. The corpus comprises data from two deaf siblings, referred to as Renata and Eliezer, extracted from Santos's (2023) doctoral dissertation, which investigates the syntactic production of deaf individuals without exposure to a socially established sign language. A total of 106 signs were identified and organized according to the handshape classifications proposed by Lessa-de-Oliveira (2023). The analysis revealed that these signs exhibit linguistic properties consistent with Saussure's (2006) concept of the linguistic sign and present a phonological structure analogous to that of established sign languages. Furthermore, the signs encode conceptual and gestural information grounded in the participants' social interactions and lived experiences, reflecting conventions developed within the family context. The inventory demonstrates that this family lexicon constitutes an emergent sign system and represents an important element of the intangible cultural heritage shared by Renata, Eliezer, and their hearing relatives.

Keywords: Deaf people; Family signs; Lexical inventory; Lexicon.

1 INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) não é a única língua de sinais do Brasil. Antes do reconhecimento do *status* linguístico dessa língua, que ocorreu por meio da Lei nº. 10.436 de 2002, os sinais da comunidade indígena de Urubu-Ka'apor ou apenas Ka'apor¹ já eram investigados pelo missionário Kakumasu, em 1966 e, posteriormente por Ferreira, em 1984, que os denominou de “Língua dos Sinais Kaapor Brasileira” (*apud* Godoy, 2020, p. 65).

Além dessas línguas, circulam hoje no Brasil outras línguas de sinais, a exemplo da língua de sinais Sateré-Mawé; língua de sinais Kaingang; língua de sinais Guarani-Kaiowá; língua de sinais Acenos, língua de sinais Terena, a Cena; entre outras (Santos, 2023).

Apesar da expansão dos estudos dessas línguas de sinais, por décadas, elas foram preteridas dos estudos linguísticos, inclusive a Libras. Em razão da ausência de reconhecimento como língua natural, difundiu-se a concepção de que a Libras seria a língua pura, homogênea e, em consequência, as demais

¹ Ka'apor é a denominação de povos originários de língua tupi que vivem na Amazônia oriental, conhecida pelos seus antepassados de “gentios urubus” (Godoy, 2020, p. 25).



línguas de sinais foram marginalizadas, em especial, a comunicação gestual desenvolvida no âmbito familiar entre filhos surdos e pais ouvintes.

Embora esse sistema de comunicação familiar ainda não seja reconhecido como língua por muitos usuários da Libras e também por professores e pesquisadores da área, ele pode se configurar como a primeira língua de muitos surdos, visto que a maior parte das crianças surdas filhas de pais ouvintes só adquire a Libras na escola e, por conseguinte, quando não recebem o *input* oroauditivo de seus familiares ouvintes e nem o *input* gesto-visual da língua de sinais convencionada por uma comunidade surda, essas crianças surdas criam o próprio sistema comunicativo por meio de sinais.

Destarte, esses sinais “são as maneiras únicas, os modos de fazer gestos ou de sinalizar de cada indivíduo, que são usados na família, em casa – daí a denominação ‘sinais caseiros’ ou ‘gestos caseiros’” (Matos, 2016, p. 129). Morford (1996, p. 175) defende que esses “sinais caseiros refletem o desenvolvimento da capacidade linguística da criança na ausência de um *input* linguístico”.

Se por um lado há autores que consideram que “esses sinais ditos caseiros” possuem as mesmas propriedades de línguas naturais, em oposição, há pesquisadores que não reconhecem que esses sinais possuem *status* linguístico, conforme expressam Kegl, Senghas e Coppola (1999), *apud* Santana (2007), ao conceituarem os sinais domésticos como mímicas e ausentes de um sistema gramatical.

No intuito de acrescentar com o debate, Santos (2023), desenvolveu uma investigação sobre a estrutura argumental de enunciados desses sinais familiares. Subsidiada da concepção de que em “nenhuma língua é possível combinar aleatoriamente itens lexicais [...] e ter como resultado uma frase normal” (Kenedy, 2015, p. 14), a autora identificou que as sentenças dos surdos investigados são constituídas de regras universais e particulares preexistentes na Gramática Universal e, portanto, que os sinais familiares são línguas.

Diante do exposto, este artigo, de cunho descritivo, se propôs a inventariar os sinais utilizados, no ambiente familiar, por dois surdos oriundos da zona rural de Amargosa-BA. O referido inventário consistiu em identificar o léxico disponibilizado nos dados da tese de Santos (2023), que foi organizado de acordo com as configurações de mão descritas por Lessa-de-Oliveira (2023), não demarcando a extensão de vocábulo dessa língua familiar, mas contribuindo para ampliar o registro dessa língua. Ademais, este trabalho tem o propósito de construir memórias, compreendendo que registrar a língua é preservar um bem imaterial e identitário.

2 O LÉXICO DA LÍNGUA DE SINAIS FAMILIAR DE RENATA E DE ELIEZER

Os estudos que discutem a aquisição da linguagem por crianças surdas, a exemplo de Quadros e Cruz (2011), apontam que apenas 5% dessas crianças são filhas de pais surdos e, portanto, possuem o



privilegio de acessar a língua de sinais do mesmo modo que as crianças ouvintes acessam a língua oroauditiva de seus pais.

Diante desse cenário, identifica-se nesse cenário que a maioria das crianças surdas só adquire a Libras na escola. Quando tem sorte, essa aquisição ocorre por volta dos seis anos, o que difere da realidade vivenciada por grande parte das pessoas surdas, cujo primeiro contato com a Libras se dá somente na adolescência ou na vida adulta ou, em casos mais extremos, não chegam a ter acesso a ela. E como esses surdos se comunicam antes da aquisição da Libras? Ficam privados sem qualquer possibilidade de comunicação?

Goldin-Meadow e Mylander (1990 *apud* Morford, 1996) e Fusellier-Souza (2004) e outros desenvolveram pesquisas e contribuíram com o debate evidenciando que não há surdos sem língua, mas que pela necessidade comunicativa, as crianças surdas, no contexto de famílias ouvintes, desenvolvem um sistema próprio de comunicação, com estruturas e funcionalidades complexas. O pesquisador surdo Viturino (2024), ao memorar seu processo de aquisição da linguagem relata que:

[...] durante os processos de "aquisição" de linguagem oral, o filho surdo não consegue adquirir a língua dos pais e, tendo dificuldade de compreender o mundo sonoro, por razões óbvias, ele começa a sentir a necessidade de se expressar por meio de anotações e gestos aos poucos, de forma visual e natural. Posteriormente, os pais percebem a facilidade de comunicação do filho de forma gestual e acabam criando alguns sinais caseiros (SC) para facilitar a comunicação, resultando no processo mencionado de surgimento de sinais caseiros. (Viturino, 2024, p. 18).

Esses sinais, que surgem dessa necessidade comunicativa entre os filhos surdos e seus familiares ouvintes, são denominados de sinais caseiros, conforme Adriano (2010), Sumaio (2014) e outros. No entanto, Santos (2023) considera que esse termo não remete somente ao que provém de casa/lar, mas conota algo de estrutura simples. Ao evidenciar que esses sinais são constituídos de uma gramática semelhantes à das demais línguas, ela propõe a substituição do termo por “‘língua de sinais familiar’ ou ‘línguas de sinais familiares’” (Santos, 2023, p. 274) e ainda assevera que, para muitos surdos, essa é sua primeira língua. Embora o termo tenha sido utilizado anteriormente por Vilhalva (2009), seu emprego neste trabalho segue a concepção desenvolvida em Santos (2023).

Para a autora, “na medida em que esses surdos realizavam um determinado gesto/sinal e esse era ressignificado e convencionado por seu familiar, se constituía ali, na relação interativa, um dado linguístico capaz de ativar a FL² e fazer surgir essas línguas” (Santos, 2023, p. 272).

Conforme Chomsky (2006), a Faculdade da Linguagem é uma capacidade mental da expressão

² FL é a sigla que a autora utiliza para representar a Faculdade da Linguagem, um "Componente linguístico dedicado à criação de estruturas sintáticas como sintagmas e sentenças". (Kenedy, 2013, p. 211).



genética do homem. Desse modo, essa capacidade não reside na audição, na visão ou nos demais órgãos sensoriais. Nesse sentido, os surdos, independentemente da audição, têm a capacidade de produzir uma língua.

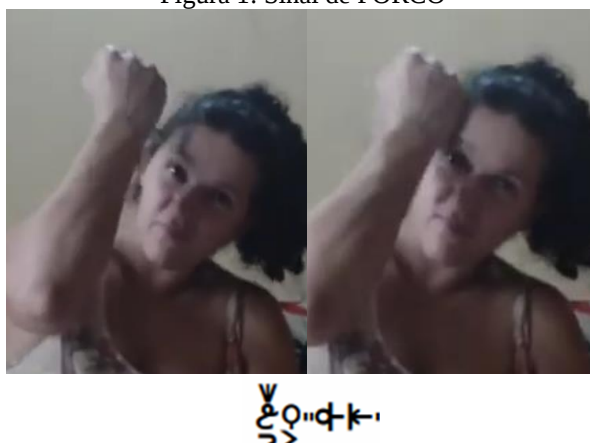
Não é a falta de órgãos que determina que isso aconteça, pois vê-se que as pegas e papagaios são capazes de proferir palavras, tal como nós, e, contudo, não podem falar como nós, isto é, de modo dar provas de que pensam aquilo que dizem. Por outro lado, os homens que nasceram surdos e mudos, e estão privados dos órgãos que servem aos outros para falar [...] têm o hábito de inventar por si mesmos alguns sinais por meio dos quais podem fazer-se entender. (Descartes *apud* Chomsky, 1972, p. 14).

Na abordagem lexicalista da teoria gerativa, é o Léxico (com letra maiúscula) o componente da mente humana que inicia o processamento da linguagem. Ele é constituído de três traços: semânticos, fonológicos e formais, cuja função é fornecer as informações necessárias à construção das estruturas frasais da língua internalizada do falante (Kenedy, 2013).

Os traços semânticos correspondem ao conteúdo (significado), enquanto os fonológicos condizem com as propriedades da forma (som/gesto) do item lexical. Essas noções correspondem às duas faces do signo linguístico propostas por Saussure (2006): o significado e o significante. Nessa perspectiva, cada item lexical constitui um signo linguístico, e o conjunto desses signos forma o léxico de uma determinada língua. Assim, o léxico contém “[...] o conjunto de todas as informações fonológicas, morfossintáticas e semânticas imprescindíveis para a aquisição e o uso da língua do ambiente” (Kenedy, 2013, p. 31).

A fim de ilustrar um item lexical, utiliza-se como exemplo o sinal PORCO empregado por Renata e Eliezer no contexto familiar.

Figura 1: Sinal de PORCO



Fonte: Santos, 2023, p. 2011



Conforme se observa, o sinal de porco é constituído dos seguintes traços: configuração de mão em esse, eixo da posição da mão superior e orientação da palma para trás. A mão realiza contato na região lateral da cabeça, com um movimento de mão reto brevíssimo. Esses traços estruturam a forma utilizada para representar o conceito de um animal de quatro patas, criado em chiqueiro para se utilizar na alimentação: o porco. Embora a criação do sinal tenha sido motivada pelo ato de golpear a cabeça do porco antes de seu abate, experiência vivenciada por Renata e Eliezer em seu cotidiano na zona rural, a motivação original entre significante e significado tornou-se opaca em virtude de o sinal já estar convencionado na família. Portanto, esse sinal faz parte do léxico da língua desses irmãos surdos.

Diversos estudos descrevem as propriedades da forma do item lexical nas línguas de sinais. Entre os estudos mais utilizados destacam-se os de Stokoe (1960), Battison (1974) e Bellugi, Klima e Siple (1975) *apud* Quadros e Karnopp (2004), que descrevem as seguintes unidades discretas: configuração de mão, movimento, expressões não manuais, orientação e ponto de articulação. Contudo, neste estudo, por utilizarmos os dados de Santos (2023) que apresenta a transcrição dos sinais familiares por meio do sistema de escrita da Libras (Sel) desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2023), utilizamos as configurações de mão da mesma autora para organizar os sinais. Ela descreve 53 traços de configuração de mão, conforme se pode observar na *Figura* a seguir:

Figura 2: Traço de configuração de mão



Fonte: Construído pelas autoras conforme Lessa-de-Oliveira (2023, p. 102 e 103) e com o auxílio da assistente virtual de inteligência artificial *Dola*.



Segundo Lessa-de-Oliveira (2023), não há evidências de sinais sem o macrossegmento Mão. Embora encontre sinais na Libras articulados sem o uso das mãos, a exemplo de ROUBAR, SEXO, MASTIGAR, BOCHECHAR e outros, segundo a autora, “[...] nesses sinais, respectivamente, a língua, a bochecha, a boca, o queixo e as bochechas, substituindo a mão, é que compõem o macrossegmento /M/, pois essas partes do corpo é que executam o movimento, no lugar da mão”. (Lessa-de-Oliveira, 2023, p. 80). Portanto, para tornar esses sinais regulares, a autora estabelece uma correspondência entre as partes do corpo e os traços de configuração de mão. Considerando essa proposta e a importância da configuração de mão na articulação dos sinais, justificamos a escolha de construir o inventário por meio da configuração de mão.

Quanto ao traço formal do Léxico, ele diz respeito à sua posição na sentença, às relações sintáticas que estabelece e às marcas morfossintáticas, aspectos relacionados às categorias lexicais e funcionais dos sinais. Esse é um tema que carece de estudos nas línguas de sinais e, em virtude do nosso recorte, não temos como explorar aqui. No entanto, alguns estudos sobre a Libras, a exemplo das contribuições de Almeida (2013), Silva (2015) e outros, têm evidenciado que a categoria gramatical na Libras não se dá de forma morfológica, mas sintática, pela função do léxico na sintaxe. Em outras palavras, o mesmo sinal (com a mesma apresentação morfológica) pode ocupar a função de nome, verbo ou adjetivo na sintaxe, sem apresentar nenhuma modificação articulatória.

Essa questão pode ser observada em vários episódios nos dados de Santos (2023). Para ilustrar essa questão, pode-se recorrer ao episódio dos sonhos de Eliezer quando ele diz: “EU DORM|ir| SONH|ar/o| CARRO/DIRIG|ir| [...]” (Santos, 2023, p. 201) que pode ser interpretado como eu sonhava em dirigir ou eu sonhava (em conseguir ou comprar) um carro. Nesse sentido, o sinal de carro pode ser interpretado como o verbo *dirigir* ou como o nome *carro*.

Além dos sinais, Santos (2023, p. 139) nos alerta que “nem tudo que encontramos na sintaxe espacial é sinal. Ao dialogar, intercalamos aos sinais outros processos como a mímica ou pantomima, os gestos, os classificadores etc. Assim, a língua, independente da modalidade, se manifesta por meio de processos gramaticais e agramaticais”. Desse modo, conforme nosso objetivo, tentamos inventariar apenas os sinais que compõem o léxico da família de Renata e Eliezer.

Diante do exposto, podemos compreender que os sinais possuem traços fonológicos, semânticos e formais e que são os sinais que formam o léxico da língua, ou seja, o acervo linguístico que os irmãos Renata e Eliezer utilizam com seus familiares ouvintes no ambiente familiar. De acordo com a experiência do surdo Viturino (2024, p. 48), esses sinais “parecem ‘brotar’ de modo inexorável e natural”, se constituem um bem material da família porque expressam a cultura, a memória, as afetividades, a capacidade cognitiva, a interação e o convívio social da família. Daí a importância de seu registro!



3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvida por meio de pesquisa documental (Lakatos e Marconi, 2021), recorrendo aos seguintes procedimentos: a) leitura analítica do documento; b) seleção de dados e; c) categorização de dados. Nesse contexto, a tese de Santos (2023) intitulada *Os sinais caseiros são línguas? Uma análise das produções sintáticas de pessoas surdas sem input de uma língua de sinais constituída*, foi selecionada como documento norteador desta pesquisa.

Desse modo, a constituição do *corpus* ocorreu por meio da leitura atenta dos episódios de diálogos dos dois surdos com sua mãe, disponibilizados na tese via vídeos acessíveis por *QR code* e das respectivas transcrições. Os dados da referida tese foram coletados mediante gravações de vídeos, seguindo uma metodologia que privilegiava dados naturalísticos. Também foram utilizadas tirinhas, histórias em quadrinhos e imagens para suscitar os diálogos.

Com base na leitura desses vídeos, identificamos os itens lexicais e os registramos, um a um, por meio de capturas de tela (*prints*)³. Em seguida, esses itens foram organizados em *Quadros*, segundo as configurações de mão descritas por Lessa-de-Oliveira (2023). Quando o sinal era realizado com as duas mãos, consideramos a marcação ou configuração de mão ativa, isto é, que realiza o sinal, desconsiderando-se a mão passiva, que exerce a função de apoio. Ao final desse processo, constituiu-se um *corpus* composto de 106 itens lexicais.

Esses *Quadros* foram divididos em colunas. Na primeira, inserimos as imagens capturadas das sinalizações nos vídeos e, na segunda, foi inserida a transcrição do sinal por meio do Sistema de Escrita da Libras (SEL)⁴, a possível representação do significado do sinal por meio de palavras em língua portuguesa e imagens que têm associação com o significado do item lexical, quando possível. Essas representações foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompts* elaborados pelas autoras. Ressalta-se que, com esse registro, amplia-se a possibilidade de identificação da estrutura fonológica, da iconicidade e de outros aspectos inerentes às línguas, além de registrar o léxico dessa língua de sinais familiar que, em razão da aquisição da Libras, corre o risco de desaparecer ou ficar em desuso.

Quanto aos sujeitos, a supracitada tese apresenta dados de cinco surdos, no entanto, entre esses surdos, identificamos que dois deles são irmãos, identificados como Renata e Eliezer. Assim, optamos por

³ Para utilizar as imagens dos surdos, Santos (2023) submeteu o projeto de tese ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), instituição na qual a pesquisa foi desenvolvida, tendo apresentado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), recebendo parecer favorável do CEP, registrado sob o CAAE nº 23953819.1.0000.0055. Esses dados estão no Anexo da tese.

⁴ Para mais informações sobre a escrita SEL, acessar o livro de Lessa-de-Oliveira (2023), disponível em <<https://ponteseditores.com.br/loja3/checkout-e-books-gratuitos/>>



registrar o léxico desses dois surdos que, devido ao parentesco e ao contato, possibilita um conjunto mais amplo de dados.

Conforme Santos (2023), Renata possuía 38 anos e é surda de nascença. Aos quatro meses de vida, foi morar com sua avó, também na zona rural de Amargosa-BA. Eliezer possuía 39 anos. Nasceu com surdez profunda e não fazia uso da leitura labial. Cresceu na zona rural de Amargosa com seus pais e, em 2012, mudou-se para a cidade. Apesar de serem irmãos, Eliezer foi criado pela mãe e Renata pela avó, em casas distintas. Porém, mantinham contato e preservavam um relacionamento fraternal. Apesar de ambos os irmãos já terem adquirido a Libras, continuam utilizando sinais familiares na comunicação entre si e com a mãe.

4 O INVENTÁRIO LEXICAL DE RENATA E ELIEZER: UM PATRIMÔNIO CULTURAL DE SURDOS DE AMARGOSA

Nosso objetivo consiste em identificar e registrar o léxico da língua de sinais de Renata e Eliezer. Nesse processo, identificamos 24 configurações de mão distintas. Desse modo, os sinais foram organizados a partir das configurações de mão identificadas. Algumas configurações tiveram apenas uma ou duas ocorrências. Assim, agrupamos esses sinais para facilitar a disposição dos dados.

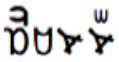
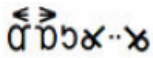
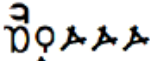
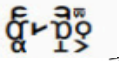
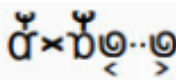
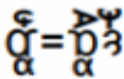
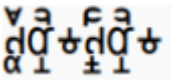
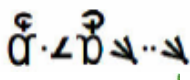
Foi possível observar que os sinais familiares apresentam estrutura fonológica e que alguns deles podem significar tanto nomes quanto verbos. Também identificamos a ocorrência de variação fonológica, a exemplo da variação observada no sinal VENC|er|/GANH|ar|, ora feito com a mão em *esse* e ora feito com a mão em *a*.

4.1 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “A”

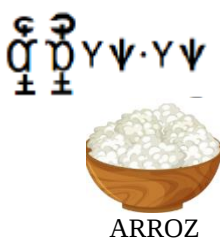
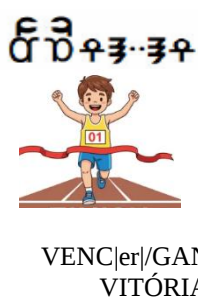
Ao observar o *corpus*, identificamos 12 sinais com a configuração de mão “A” 🖐️. Foi possível identificar que, conforme ocorre na Libras, o mesmo sinal pode representar um nome e/ou um verbo, ou ainda apresentar mais de um significado, a exemplo do sinal CARNE/ AMARGOSA, o que pode indicar uma possível ocorrência de homonímia nos sinais familiares.



Quadro 1: Sinais com configuração de mão “a”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	  CHUP ar		  NASC er imento
	  FOGO DE ARTIFÍCIO		  DORM ir /SONH ar
	  CARRO/DIRIG ir		  CASTANHA
	  BANANA		  COLH er eita CAFÉ



Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.

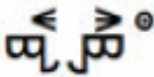
4.2 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “LEGAL”



A configuração de mão “legal” , como o termo indica, é utilizada para expressar um emblema (gesto) universalmente conhecido de aprovação. Na língua de sinais familiar de Renata e Eliezer, além desse sinal expressar esse sentido, parece apresentar outras funções gramaticais. De acordo com Santos (2023, p. 261): “Em relação aos emblemas, [...] os surdos participantes fizeram uso do sinal (legal) com várias funções gramaticais, a saber: a) como verbo [SAB|ER|], [ENTEND|ER|], [GOST|ar|] e [T|er|]; b) como adjetivos em frases afirmativas [Certo!] e c) como predicativo em sentenças *small clause* [LEGAL/BOM]”.



Quadro 2: Sinais com configuração de mão “legal”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 LEGAL/B om/oa CERTO		 NEGATIVO/RUIM/PERDIDO
	 GOST AR/O		

Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.

4.3 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “BÊ” E “BÊ ESPRAIADO”

Identificamos apenas duas ocorrências, sendo uma da configuração de mão “bê ”  e outra da configuração de mão “bê espreado” 

Quadro 3: Sinais com configuração de mão “bê” e “bê espreado”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 Número 4		 MONT ar/o cavalo

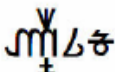
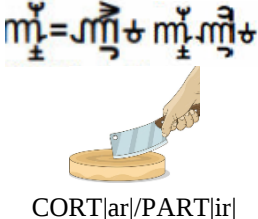
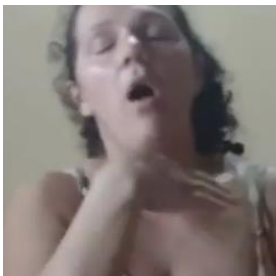
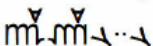
Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.



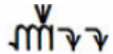
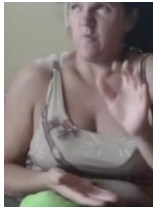
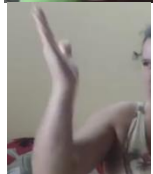
4.4 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “ESPALMADA” E “ESPAIADA”

Identificamos um quantitativo significativo de sinais articulados com a mão “espalmada” 🖐️ e “espraiada” 🖐️, conforme se verifica no *Quadro* a seguir:

Quadro 4: Sinais com configuração de mão “espalmada” e mão “espraiada”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 PEQUEN a/o /CRIANÇA		 MÃE
	 EU/M eu/inha		 COM er/ida
	 Sinal de TIA (nome próprio)		 CORT ar /PART ir
	 MORR er /MORTE		 ESPER ar/a /AFAST ar SEPAR ar



	 CRESC er/imento		 BEBÊ/NENÊ
	 ENTEND er/imento		 ANTES/PASSADO ANTIGAMENTE
	 OR ar/ação /REZ ar/a		 CASA/MOR adia/ar
	 IR/SEG uir	 	 PART ir
	 LIVRO/CADERNO/ ESTUD ar/o		 MAL CHEIRO/ ESTRAG ar/ado



	 DORM ir /SONH ar		 LAV ar prato/arroz
	 CA ir		 BRINC ar adeira pega-pega
	 TELEVISÃO		 QUAL/COMO/QUEM?
	 NÚMERO 5		 ROUB ar/o

Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.

4.5 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “CÊ-ENCOLHIDO” E “CONCHA”

Identificamos 03 sinais com a configuração de mão “cê-encolhido” e, entre eles, pode-se verificar no *Quadro 5* uma ocorrência de polissemia nos sinais PRATO e BOLA. Eles são idênticos e



possuem significados distintos. Com a mão configurada em “concha” 🖐 detectamos apenas o sinal de GALINHA.

Quadro 5: Sinais com configuração de mão em “cê-encolhido” e “concha”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 PRATO		 BOLA
	 OVO		 GALINHA

Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.

4.6 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “PERA”

Com a mão configurada em “pera” 🖐 identificamos os seguintes sinais:



Quadro 6: Sinais com configuração de mão em “pera”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 CHUP ar cacau		 FEIJÃO
	 MISTUR ar temperos		 D ar RECEB er

Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.

4.7 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “CINCO”



Com a mão configurada em “cinco” detectamos apenas dois sinais, a saber, GRIT|ar/o e AND|ar|IR/VIR. Além desses sinais, observamos que Renata utiliza essa configuração para representar uma ação construída, simulando a colocação da tesoura no dedo. De acordo com Santos (2023, p. 146), “nas ações construídas o sinalizador se utiliza de seu próprio corpo para representar iconicamente um personagem ou demarcar o posicionamento e movimento de uma entidade no espaço de sinalização [...]”. Eles não são considerados elementos gramaticais e, em virtude disso, não agrupamos essa representação no *Quadro 7*.



Quadro 7: Sinais com configuração de mão “cinco”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 GRIT ar/o		 AND ar/IR/VIR

Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.

4.8 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “GARRA”



Essa marcação de mão é denominada por Lessa-de-Oliveira (2023) de “garra”. Sobre esse formato de mão encontramos 8 sinais:

Quadro 8: Sinais com configuração de mão “garra”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 BICH o/ado/ar		 COZ inhar/inha/FRIT ar



	 VIBR ação/ar / ARREPI ar/o		 ZANG ar/ado
	 CÔCO		 SUB ir árvore
	 PEG ar		 RECEB er imento

Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.

4.9 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “ARGOLA” E “O”

Sobre a configuração da mão “argola”  identificamos os sinais ESTUD|ar|/ESCREV|er|/ATIVIDADE e COBRA/PIC|ar/ada|. Esse último também é usado para referenciar ao Distrito Serrana, uma importante localidade pertencente ao município de Brejões- Bahia. Com a mão em “o”  encontramos o sinal JACA.



Quadro 9: Sinais com configuração de mão “argola” e “o”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 ESTUD ar /ESCREV er ATIVIDADE		  JACA
	  COBRA/PIC ar ada		

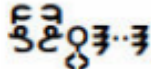
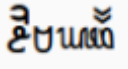
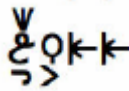
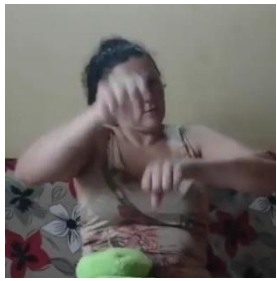
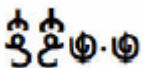
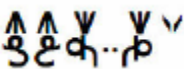
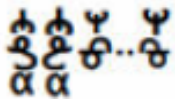
Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.

4.10 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “ESSE”

Sobre a configuração de mão “esse”  identificamos 11 ocorrências, conforme se verifica no *Quadro* a seguir:



Quadro 10: Sinais com configuração de mão “esse”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	  AV ô/á/IDOSO		  VENC er /GANH ar /VITÓRIA
	  LARANJA		  PORCO
	  OVELHA		  BICICLET ar/a
	 CORAGEM		 ABR ir /PART ir



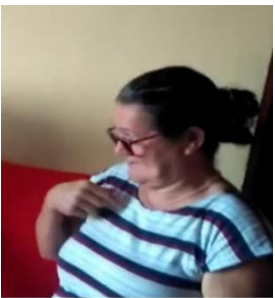
	 MOT o/ocar		 SEGUR ar/ança
	 BAT er		

Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.

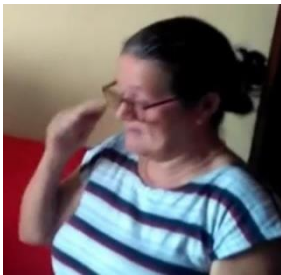
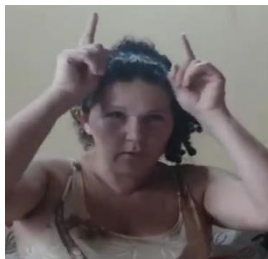
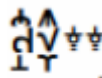
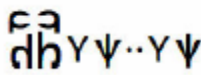
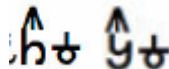
4.11 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “XIS” E EM “ZÊ”

Sobre a configuração “xis”  e “zê”  , registramos 14 sinais:

Quadro 11: Sinais com configuração de mão “xis” e “zê”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 EU		 VOCÊ



	  El a/e LÁ		  OUV ir ido / SURD o ez
	  FAL ar /ORALIZ ar		  PAI
	  PENS ar amento LEMBR ar ança		  BOI
	  OLH ar o / VER/PROCUR ar		  BRIG ar a
	 		 



			AQUI/hoje
	 MAIS/HOSPITAL/ MÉDICO		 ROÇA

Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.

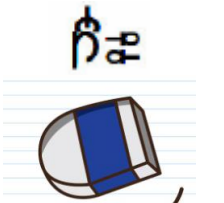
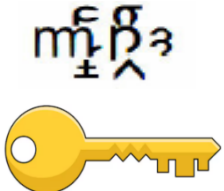
4.12 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “GRAMPO”



Foi identificado 03 sinais com a configuração de mão “grampo” : o sinal APAG|ar|/BORRACHA, DROG|ar/a| e CHAVE.



Quadro 12: Sinais com configuração de mão “grampo”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 APAG ar BORRACHA		 DROG ar a
	 CHAVE		

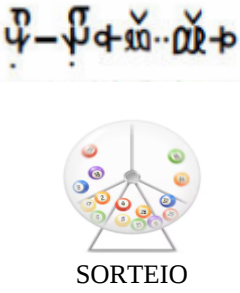
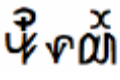
Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.

4.13 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “PINÇA” E “PINÇA DUPLA”

Com a mão em “pinça”  e em “pinça dupla”  registramos 05 sinais:



Quadro 13: Sinais com configuração de mão “pinça” e “pinça dupla”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 SORTEIO		 SINAL DE CACHORRO
	 SINAL D[o/a] TI[o/a]		 DINHEIRO
	 TEMPO/ANTES		

Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de prompt.

4.14 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “ÍPSILON”, “DÁBLIO”, “BÊ ESPRAIADO”

Sobre as configurações “ípsilon”  , “dáblio”  e “bê-espraiado”  , identificamos um sinal de cada traço:



Quadro 14: Sinais com configuração de mão “ípsilon”, “dáblio” e “bê-espraiado”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 TELEF one/onar		 NÚMERO 3
	 NÚMERO 4		

Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.

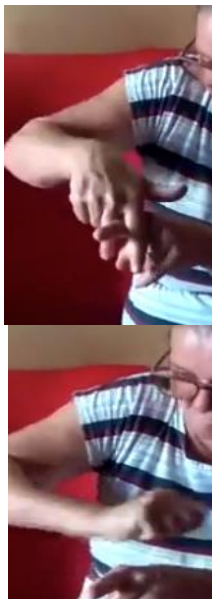
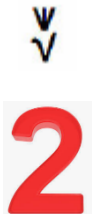
4.15 SINAIS COM CONFIGURAÇÃO DE MÃO “VÊ” E “VÊ-ELE”



Em relação a configuração de mão “vê” e “vê-ele” foi possível registrar 6 sinais. Pode-se observar entre os pares de sinais MULA/CAVALO que houve um acréscimo de marcação de mão e movimento no sinal MULA para os diferenciar.



Quadro 15: Sinais com configuração de mão em “vê” e em “vê-ele”

Sinal	Escrita/ imagem/glosa	Sinal	Escrita/ imagem/glosa
	 CAVALO		 MULA
	 IRM ã/ão		 NÚMERO 2
	 EM PÉ		 TESOUR ar/a

Fonte: Autoria própria. As imagens dos sinais e a escrita SEL foram capturadas da tese de Santos (2023). As figuras foram produzidas pela inteligência artificial, a partir de *prompt*.



5 CONCLUSÃO

As línguas de sinais familiares foram consideradas, por muitos pesquisadores e professores, línguas corrompidas e ilegítimas ou até mesmo como não línguas (Santos, 2023). Assim, esse estudo pode evidenciar uma estrutura fonológica, análoga às observadas em outras línguas de sinais, com elementos conceituais e gestuais convencionados nesse contexto.

Apesar da possível redução do léxico existente nesse ambiente familiar, quando comparado ao léxico de outras línguas de sinais, foi possível identificar, no *corpus*, a articulação de 106 sinais, o que evidencia uma riqueza da capacidade de criação, organização e expressão linguística dos surdo para se expressarem na ausência de aquisição da língua de sinais convencionada na comunidade. Considerando que, com a aquisição da segunda língua de sinais, a exemplo da Libras, os sinais familiares correm o risco de desaparecer, esse registro pode se configurar como uma herança cultural e linguística dessa família.

Destarte, esse artigo se justifica por valorizar a língua de sinais familiar, demonstrando a riqueza do léxico constituído no contexto familiar. Espera-se que este inventário traga contribuições para as discussões sobre a temática, favorecendo uma abertura para a compreensão da diversidade linguística e cultural do surdo, inclusive no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, N. A. **Sinais caseiros**: uma exploração de aspectos linguísticos. 2010. 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade De Letras Programa De Pós-Graduação Em Letras. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2010.
- ALMEIDA, Maria Antonieta Pereira Tigre. **Aquisição da estrutura frasal na língua brasileira de sinais**. 203, 83f.. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, BA, 2013.
- BRASIL, **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm > Acesso em: 30 de novembro de 2025.
- CHOMSKY, N. **Sobre natureza e linguagem**. Organizado por Adriana Belletti e Luigi Rizzi. Trad. Marylene Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2006
- _____, N. **Linguística Cartesiana**: um capítulo da história do pensamento racionalista. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis, Vozes: São Paulo. Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.
- FERRAZ, Aderlande Pereira; SILVA FILHO, José Pereira da. **Lexicologia e lexicografia**. Curitiba: InterSaberes, 2016.



FUSELLIER-SOUZA, I. **Sémiogenèse de langues des signes**: études des langues de signes émergentes (LS ÉMG) pratiqués par de sourds brésiliens. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade de Paris, Paris, 2004

GODOY, Gustavo. **Os Ka'apor, os gestos e os sinais**. 2020. 388f. Tese (doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS, Rio de Janeiro, 2020.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____, E. Sintaxe Gerativa. In: OTHERRO, Gabriel de Ávila. KENEDY, Eduardo (Org.) **Sintaxes, sintaxes**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-26.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. **Por uma modalidade escrita da Libras**: estrutura frasal e sinalização, a estrutura fonológica do sinal e a escrita Sel. Coleção Linguística em Rde, v. 9. 1ªed.- Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MATOS, Pamela do Socorro da Silva. **Gestos de surdos e ouvintes**: O contar história sem uso da voz. 2016, 153f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará. Belém, 2016.

MORFORD, J. P. Insights to language from the study of gesture: a review of research on the gestural communication of non-signing deaf people. **Pergamon**, v. 16, 1996.

QUADROS, R. & CRUZ, C. **Língua de Sinais**: instrumentos de avaliação. Artmed. 2011.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, Emmanuelle Félix dos. **Os sinais caseiros são línguas?** Uma análise das produções sintáticas de pessoas surdas sem input de uma língua de sinais constituída. 2023. 299f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Ione Barbosa de Oliveira. **A categoria dos verbos na língua brasileira de sinais**. 2015. 84f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2015.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os terena**: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos. 2014, 123f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, 2014.



VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes**: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. 2009, 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: UFSC, 2009.

VITURINO, Leandro dos Santos. **Estudo sobre a estrutura fonológica de uma língua de sinais caseiros e reflexões sobre seu processo de aquisição**. 2024. 175f. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2024.